

## **GESTÃO AMBIENTAL E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA MALWEE**

### **ENVIRONMENTAL MANAGEMENT AND SUSTAINABLE PRACTICES: AN ANALYSIS FROM THE MALWEE COMPANY'S SUSTAINABILITY REPORT**

#### **ÁREA TEMÁTICA: ESTRATÉGIA EM ORGANIZAÇÕES**

Marcelo Thiago de Lara Coral, Universidade Estadual do Paraná, Brasil, m.coral.91@gmail.com

Josimari de Brito Morigi, Universidade Estadual do Paraná, Brasil, josimorigi@gmail.com

Eduardo Domingues da Silva, Universidade Estadual do Paraná, Brasil, edudomingues.02@gmail.com

#### **Resumo**

O presente estudo analisa as principais práticas sustentáveis desenvolvidas pela empresa Malwee, localizada no Estado de Santa Catarina, partindo-se da análise de dados e informações presentes em seu relatório de sustentabilidade mais recente, o qual encontra-se disponível na *internet*. Para alcançar os objetivos estabelecidos neste artigo, foram definidos os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, envolvendo a pesquisa bibliográfica. Quanto aos principais resultados alcançados destaca-se que o processo de gestão ambiental pode facilitar o gerenciamento empresarial e também proporcionar diversas contribuições para as organizações, especialmente no que diz respeito à redução de custos e ao incremento de receitas. A Malwee tem realizado investimentos em ações internas e externas, visando melhorar continuamente suas operações e otimizar seus controles ambientais. Além disso, a empresa faz uso de processos mais sustentáveis, como o tratamento de efluentes, a reutilização da água dentro de suas fábricas e o reaproveitamento de algumas matérias primas, e também tem buscado investir continuamente em melhorias de processos e da qualidade dos produtos em geral, sempre visando a sustentabilidade, como é o caso da utilização de garrafas PET para produção de fibras têxteis e a produção do fio de algodão desfiado que é bastante utilizado em suas coleções, com a pretensão de reduzir ao máximo seus impactos ao meio ambiente e também melhorar o seu desempenho, haja vista que as práticas ambientais representam um interessante componente estratégico que além de proporcionar redução de custos, também promove novas oportunidades de negócio e melhoria da imagem organizacional.

**Palavras-chave:** Gestão Ambiental; Práticas Sustentáveis; Malwee.

#### **Abstract**

The present study analyzes the main sustainable practices developed by the company Malwee, located in the State of Santa Catarina, starting from the analysis of data and information present in its most recent sustainability report, which is available on the internet. To reach the objectives established in this article, the following methodological procedures were defined: the exploratory and descriptive research, with a qualitative approach, involving the bibliographic research. Regarding the main results achieved, it should be noted that the environmental management

process can facilitate business management and also provide various contributions to organizations, especially with regard to cost reduction and revenue growth. Malwee has made investments in internal and external actions, aiming to continuously improve its operations and optimize its environmental controls. In addition, the company makes use of more sustainable processes, such as the treatment of effluents, the reuse of water inside its factories and the reuse of some raw materials, and also has sought to continuously invest in process improvements and product quality in general, always aiming at sustainability, as is the case of the use of PET bottles for the production of textile fibers and the production of cotton yarn that is widely used in its collections, with the aim of reducing to the maximum its impact on the environment and also improve its performance, since environmental practices represent an interesting strategic component that besides providing cost reduction, also promotes new business opportunities and improvement of the organizational image.

**Keywords:** Environmental Management, Sustainable Practices, Malwee.

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem se tornada cada vez mais intensos os debates sobre a relação do homem com o meio ambiente no cenário mundial. Sendo que no campo central destes debates estão as indústrias, as quais são apontadas por diversos pesquisadores como os principais agentes causadores do desequilíbrio ambiental, seja pela extração dos recursos naturais, como também pelo lançamento dos rejeitos produtivos. Diante de tal conjuntura, segmentos variados da sociedade passaram a exercer uma forte pressão em relação a essa interação. Por conta disso, diversas empresas passaram a desenvolver ações que incluíssem a dimensão ambiental em suas agendas e planejamentos estratégicos, visando manter um relacionamento equilibrado entre o desempenho dos seus negócios e o meio ambiente.

Comforme salienta Porter e Linde (1995), durante muito tempo, as ações realizadas para melhorar a relação organização *versus* meio ambiente, foram encaradas como custos que geravam obstáculos para a competitividade empresarial. Todavia, com a evolução que se teve nos estudos sobre a qualidade, tal visão acabou sofrendo alterações. Desse modo, passou-se a desenvolver mecanismos que tornassem o processo de produção mais eficiente e que os resíduos ou rejeitos decorrentes da produção fossem reciclados ou até mesmo utilizados como matéria-primas para outros setores produtivos.

Neste cenário, surge a Gestão Ambiental, que pode ser definida como a administração do exercício de atividades econômicas e sociais que possibilite o uso racional dos recursos naturais, renováveis ou não. Nesse sentido, a gestão ambiental deve intentar o uso prático que assegure tanto a conservação e a preservação da biodiversidade, como também a reciclagem das matérias-primas e a redução dos impactos ambientais decorrentes das atividades humanas. Desta-se ainda que a busca pela excelência de produtos e processos tem obrigado as organizações a darem uma atenção mais especial a um conceito muito importante: a qualidade. Lembrando que nos dias de hoje o fator qualidade tem forte ligação com os aspectos de preservação do meio ambiente. Ou seja, um dado produto para apresentar um adequado padrão de qualidade precisa ter um processo produtivo enxuto, no qual a utilização de recursos é otimizada, buscando reduzir ao máximo possível o desperdício e gerando o mínimo de resíduos.

Nesse contexto, destaca-se a atuação de empresas brasileiras que possuem em seu plano de gestão a prática da sustentabilidade, dentre elas menciona-se a empresa Malwee que atua na confecção de roupas e as comercializa nacionalmente e internacionalmente. Com a pretensão de contribuir para os estudos acerca da prática da sustentabilidade, o presente trabalho busca demonstrar como a Malwee tem incorporado a sustentabilidade em sua gestão, elencando para tanto, os seguintes objetivos específicos: identificar e caracterizar os indicadores e relatórios de prestação de contas utilizados na referida empresa, para mensurar e apresentar os resultados de sua gestão sustentável; e identificar e analisar as ações sustentáveis executadas pela empresa.

Para o alcance dos objetivos estabelecidos neste estudo, definiu-se os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, envolvendo a

pesquisa bibliográfica. Além disso, desenvolveu-se um estudo de caso na Malwee, empresa renomada no seu ramo de negócios e também por empreender esforços para enquadrar-se como uma empresa sustentável. Lembrando que para análise do objeto de estudo foi utilizado o mais recente Relatório de Gestão da referida empresa, publicado em 2017, o qual se encontra disponível na *internet*.

## 2. GESTÃO SUSTENTÁVEL

Com o aumento da industrialização, teve-se também um aumento nos problemas ambientais e estes, por sua vez, acabaram se refletindo sobre a qualidade de vida das pessoas. Diariamente, pode-se observar o desequilíbrio ambiental ocasionado pelas ações humanas e industriais, o qual é manifestado dentre outras formas, pelas enchentes, pela redução da camada de ozônio e pelo aumento da temperatura média dos oceanos e da atmosfera da Terra. De acordo com Lima, Cunha e Lira (2010), a tomada de consciência sobre este fato está modificando a percepção da humanidade em relação ao meio ambiente e tem aumentado a consciência sobre a necessidade de se adotar uma nova postura em relação às questões ambientais. Em decorrência das mudanças nas relações comerciais e das reivindicações sociais, observa-se uma maior pressão para que as empresas apresentem respostas aos problemas ambientais. Neste ensejo, Maimon (1996) assevera que tais fatores motivou o surgimento da área de meio ambiente dentro do contexto organizacional de diversas empresas, estando inicialmente atrelada ao sistema produtivo. Posteriormente, essa nova função passou a ser denominada de Gestão Ambiental e passou a fazer parte do contexto organizacional como um todo.

Para Valle (2000), a gestão ambiental configura-se como um conjunto de medidas e procedimentos bem definidos e adequadamente aplicados que almejam a redução e o controle dos impactos ambientais originados por um empreendimento. Já no entendimento de Barbieri (2007), a gestão ambiental é definida como as diretrizes e as atividades administrativas e operacionais, tais como planejamento, direção e controle, com a pretensão de se alcançar efeitos positivos sobre o meio ambiente, permitindo a redução ou eliminação dos danos causados pelas ações humanas ou até mesmo evitando o seu surgimento.

Contribuindo com o exposto, Maimon (1996, p. 72) explana que a gestão ambiental pode ser entendida como o “conjunto de procedimentos para gerir ou administrar uma organização, de forma a obter o melhor relacionamento com o meio ambiente”. Nessa mesma linha de raciocínio, Andrade, Tachizawa e Carvalho (2002, p. 12) destacam que a gestão ambiental “está associada à idéia de resolver os problemas ambientais da empresa (...) suas principais motivações são a observância das leis e a melhoria contínua”.

Rabelo e Lima (2007), discorrem que a gestão sustentável deve ser voltada para manutenção das condições de continuidade de produção do meio ambiente. Nesse sentido, destaca-se a relevância do desenvolvimento tecnológico rumo à otimização dos recursos. Também é de fundamental importância que a gestão sustentável mantenha e forneça as condições de vínculo entre os valores éticos e culturais da comunidade em que a empresa está inserida. Ademais, para que a empresa possa avaliar a real eficiência da gestão sustentável torna-se necessário estabelecer mecanismos de mensuração de sustentabilidade produtiva.

Poucas são as organizações que fazem uso de algum método de avaliação do grau de sustentabilidade organizacional. Os métodos de avaliação contínuos caracterizam-se como ferramentas passíveis de promover a concretização das metas estabelecidas via correção das eventuais falhas ocorridas durante os processos (VAN BELLEN, 2005).

Vale destacar que o uso de indicadores pode contribuir para a melhoria do desempenho de gestão. Ademais, a utilização destes pode ainda resultar em melhorias da política empresarial e

melhorar também a confiabilidade dos dados e informações analisados. Entretanto, cabe salientar que as medidas de desempenho precisam estar devidamente alinhadas às realidades locais e estar em conformidade com os objetivos da empresa e da sociedade.

Ressalta-se ainda que a gestão sustentável pode contribuir também para a obtenção de ganhos econômicos para as empresas. Sobre tal assunto, Silva e Quelhas (2006), afirmam que é crescente a valorização dos conceitos de desenvolvimento sustentável pelo mercado financeiro e o interesse por investimento em empresas socialmente responsáveis. Os mesmos autores também pontuam que as empresas sustentáveis são capazes de agregar mais lucros aos acionistas em longo prazo por estarem mais preparadas para enfrentar os riscos econômicos, sociais e ambientais conexas a suas atividades.

A gestão sustentável deve ser alinhada com o planejamento estratégico da organização. Segundo Strobel, Coral e Selig (2004), a fase do planejamento deve conter além dos objetivos simplesmente econômicos, os caminhos para redução dos efeitos negativos ao meio ambiente e à sociedade. Complementando o pensamento de Strobel *et al.* (2004), Van Bellen (2005), enfatiza que para haver sustentabilidade, o crescimento econômico não pode ser desvinculado das necessidades sociais e ambientais implícitas no ambiente produtivo das empresas.

Uma gestão sustentável eficiente envolve uma readequação no processo produtivo, almejando uma otimização de recursos, seja por meio da utilização de matérias-primas sintéticas ou que sejam reaproveitadas por meio do processo de reciclagem, ou de reinserção no processo produtivo, contribuindo dessa maneira para a redução da exploração de recursos naturais. Além do mais, as práticas sustentáveis também podem cooperar para a redução na geração de resíduos industriais sólidos e gasosos, diminuindo o descarte e a emissão de poluentes no meio ambiente. Tais práticas além de gerar um aumento do valor agregado do produto, pode também melhorar a imagem da empresa perante seu público alvo, tornando-a mais competitiva, e melhorando os resultados nas relações internas e externas, com melhorias na produtividade, na qualidade e nos negócios.

Complementado o exposto, salienta-se que a gestão ambiental pode facilitar o processo de gerenciamento, e também proporcionar diversos benefícios para as organizações. Em relação aos benefícios decorrentes da gestão ambiental, vale frisar que North (1992) menciona quais são os principais, os quais estão expostos no Quadro 1.

<b>BENEFÍCIOS ECONÔMICOS</b>	Economia de custos no processo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução do consumo de água, energia e outros insumos;</li> <li>- Aumento nos rendimentos do processo;</li> <li>- Reciclagem, venda e aproveitamento de resíduos e diminuição de efluentes;</li> <li>- Redução de multas e penalidades por poluição.</li> </ul>
	Incremento de receitas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumento da contribuição marginal de “produtos verdes” que podem ser vendidos a preços mais altos;</li> <li>- Aumento da participação no mercado devido a inovação dos produtos e menos concorrência;</li> <li>- Linhas de novos produtos para novos mercados;</li> <li>- Aumento da demanda para produtos que contribuam para a diminuição da poluição.</li> </ul>
<b>BENEFÍCIOS ESTRATÉGICOS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Melhoria da imagem institucional;</li> <li>- Renovação do “portfólio” de produtos;</li> <li>- Aumento da produtividade;</li> <li>- Alto comprometimento do pessoal;</li> <li>- Melhoria das relações de trabalho;</li> <li>- Melhoria e criatividade para novos desafios;</li> <li>- Melhoria das relações com órgãos governamentais, comunidade e grupos ambientalistas;</li> <li>- Acesso assegurado ao mercado externo;</li> </ul>

		- Melhor adequação aos padrões ambientais.
--	--	--

Quadro 1 – Principais benefícios da gestão ambiental.

Fonte: Adaptado de North (1992).

Contribuindo com as discussões anteriores, Porter (1989) assevera que a melhoria na relação com o meio ambiente é capaz de beneficiar a produtividade dos recursos utilizados na organização, pois traz benefícios para o processo e para o produto. Contudo, conforme adverte Epelbaum (2004), nem sempre esses benefícios são homogêneos para todas as organizações. Lembrando que os ganhos poderão ser maiores em casos de organizações que possuem um poder de poluição maior, uma vez que estas podem alterar seus sistemas produtivos, e contribuir para o aumento da sua produtividade.

### 3. RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE

É importante destacar que a aplicação dos relatórios de sustentabilidade pelas empresas constitui uma ação voluntária e tem como escopo principal prestar um apoio e também facilitar a gestão das questões de sustentabilidade das empresas, bem como divulgar os riscos e as oportunidades, permitindo, desse modo, que a empresa tenha uma reputação mais transparente.

Vale acrescentar que a comunicação dos resultados não financeiros por parte das empresas configura-se como um fator de importância essencial para o sucesso das mesmas, nessa conjuntura os relatórios de sustentabilidade se apresentam como um instrumento fundamental. Por tal motivo aumentaram-se os debates a respeito da qualidade e a confiabilidade dos relatórios não financeiros das empresas, e estes também passaram a ser abordados como um tema de pesquisa, sobretudo na área de gestão, especialmente na gestão ambiental (KOLK, 2004; DAUB, 2007).

Ressalta-se também que nos últimos anos, passou-se a ter uma maior preocupação em associar a existência de práticas de responsabilidade social corporativa ao desempenho no mercado financeiro, principalmente por meio de indicadores, tais como os índices Dow Jones de Sustentabilidade (DJS) e o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), entre outros, em vários países. Nesse sentido, vale enaltecer que a relevância de se mostrar para os acionistas e parceiros sociais o valor da empresa tem motivado alguns órgãos internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), a impulsionar a implementação e aprimoramento contínuo dos Relatórios de Sustentabilidade, visando oportunizar necessária transparência e accountability empresarial (ARAÚJO; RAMOS, 2015).

Godói-de-Sousa, Pedreira, Campos e Mattern (2009) destacam que nos últimos anos se teve um aumento considerável na preocupação das empresas com a prática da Responsabilidade Social Corporativa (RSC) e o Desenvolvimento Sustentável. Isso é consequência da pressão exercida por novos públicos que têm demandado das empresas não somente informações financeiros, mas também outras informações ligadas ao desempenho ambiental e social, que também podem ser utilizadas para fins de investimentos. Desse modo, diversas empresas estão percebendo que a publicação de relatórios de sustentabilidade e/ou balanços sociais podem evidenciar a eficiência da organizações e também melhorar as relações da mesma com as diversas partes interessadas.

Salienta-se que os relatórios de sustentabilidade são elaborados com a alegação de auxiliar as empresas a demonstrar ações relacionadas ao desenvolvimento sustentável. Nessa mesma linha de raciocínio, Daub (2007) pontua que os relatórios de sustentabilidade podem ser considerados como uma forma de proporcionar uma resposta direta das empresas às mudanças que estão ocorrendo na sociedade, as quais são derivadas de diversos fatores, tais como acidentes e escândalos ambientais, econômicos e sociais, e também das pressões exercidas pela população em prol de comportamentos empresariais mais éticos e responsáveis.

Ainda de acordo com Daub (2007), existem três tipos diferentes de relatórios de sustentabilidade, os quais são: i) Relatórios Sociais, que foram criados na década de 1970, para atender as demandas por

balanços sociais relacionadas aos aspectos sociais das atividades das organizações; ii) Relatórios Ambientais, que foram criados no final dos anos de 1980 e possuem como foco principal as questões ambientais, podendo também abordar aspectos relativos à saúde e à segurança; e iii) Relatórios Anuais, que foram criados na metade da década de 1990, e contemplam informações referentes aos aspectos sociais, éticos e ambientais das atividades da organização.

Vale enaltecer que com o passar do tempo houveram evoluções e adaptações nos relatórios de sustentabilidade, respeitando as tendências do mercado. Nesse sentido, muitas empresas passaram a adotar o padrão desenvolvido pela Global Reporting Initiative (GRI), uma organização sem fins lucrativos, criada em 1997, em Amsterdã-Holanda. Contribuindo com o exposto, Daub (2007) enaltece que a GRI elaborou o modelo mais utilizado por empresas de todo o mundo e que consiste em uma referência para o desenvolvimento dos procedimentos de elaboração de relatórios de sustentabilidade.

Acrescenta-se ainda que, a estrutura dos relatórios de sustentabilidade desenvolvida pela GRI é aprimorada continuamente por meio de ações conjuntas e intensivas de multistakeholders, ou seja, o engajamento de organizações, relatores e especialistas, proporcionam um elevado grau de qualidade técnica, credibilidade e relevância (GLOBAL REPORTING INITIATIVE, 2006).

Entretanto, apesar de ser o modelo mais bem aceito em nível mundial, conforme afirmam Brown, Jong e Levy (2009), o modelo de relatório desenvolvido pela GRI também recebe algumas críticas, sobretudo por não detalhar de maneira suficiente as informações e também por não fornecer uma imagem adequada dos impactos ocasionados pelas organizações nas comunidades locais e as condições sociais. Provavelmente isto acontece pelo fato de que o relatório tende a apresentar uma orientação mais voltada para processos ao invés do desempenho e, ocasionalmente, pode gerar uma realidade fantasiosa, especialmente porque a descrição de um único número não é algo suficiente, haja vista que os leitores geralmente estão interessados em conhecer as estratégias e os planos que estão por trás dos números. Ademais, pelo fato de haver comumente um pequeno número de leitores que se interessam pelos relatórios de sustentabilidade das organizações, acaba-se criando uma conotação de que estes somente são elaborados para serem mais documentos que sejam armazenados em uma pilha, ocupando espaço nos arquivos da empresa. Destaca-se ainda que a ausência de padronização na divulgação das informações, configura-se como mais um agravante, uma vez que impedem que outras empresas realizem benchmark da organização que está divulgando seus indicadores.

Silva, Siqueira e Fernandes (2009), destacam que apesar da existência de um conjunto de informações proposto pelas diretrizes, as empresas têm a liberdade de escolher quais indicadores que almejam divulgar, portanto, dessa forma, podem deixar de relatar informações que possam ser negativas para elas. Destarte, observa-se que na prática, existem diferenças entre aquilo que é divulgado pelas companhias em seus relatórios socioambientais e aquilo que a GRI solicita em seus indicadores de desempenho. Nesse sentido, pode-se dizer que tal situação pode contribuir para a geração de informações distorcidas sobre o desempenho da organização e estas acabam sendo passadas aos *stakeholders* (CASTRO; SIQUEIRA; MACEDO, 2009).

#### **4. BREVE DESCRIÇÃO DA EMPRESA MALWEE**

A história da empresa Malwee iniciou-se em 04 de julho de 1968, quando foi fundada na cidade de Jaraguá do Sul, situada no Estado de Santa Catarina. Atualmente a referida empresa caracteriza-se como uma das principais líderes no segmento de mercado em que atua.

De acordo com informações do site institucional do Grupo Malwee (2019), a história do referido grupo se iniciou bem antes de sua fundação em 04 de julho de 1968, pois a sua trajetória iniciou-se com as atividades da Firma Weege, fundada em 1906 em Jaraguá do Sul, pelo casal de imigrantes Wilhelm e Bertha Weege, recém chegados ao Brasil, e tinha como atividades o comércio, queijaria e açougue. Com o passar do tempo a empresa foi prosperando, mas o crescimento foi maior com a aquisição de um frigorífico e laticínios em Santa Catarina. Em 1948 a referida empresa passou a ser Sociedade Anônima e estava sob a direção de Wolfgang Weege, filho dos fundadores. Dois anos depois Wolfgang construiu um posto de gasolina com loja de conveniência, empreendimento considerado inovador naquela época. Na década

seguinte, o empreendedor resolver modernizar o comércio e o mesmo foi transformado em uma loja de departamentos. Além disso, decidiu fechar o frigorífico, investiu em pesquisas de mercado e resolveu ocupar o espaço com uma empresa têxtil. Para tanto, alguns prédios foram reformados e adaptados para o início da nova atividade industrial.

Ainda de acordo com as informações do site institucional do Grupo Malwee (2019), a indústria têxtil implantada em 1968 contemplava todos os processos produtivos, isto é, malharia, tinturaria, estamparia, corte, costura e expedição, marcando o início de uma nova geração comercial e industrial em Jaraguá do Sul. Com o crescimento do negócio, Wolfgang resolveu ampliá-lo e uma nova unidade da empresa foi instalada, desta vez, na cidade de Pomerode –SC, em 1975, realizando atividades de costura e dobração. Todavia, com o crescimento da empresa, em 1978 foi implantado outros setores, e o parque fabril da empresa passou a ter 12 mil m<sup>2</sup>. Em 2010, foi inaugurada a unidade Malharia na cidade de Jaraguá do Sul, a mesma é responsável por toda a produção de malhas usadas no processo de confecção das roupas nas demais unidades. Naquele mesmo ano foi inaugurada uma unidade em Pacajus –CE, o seu parque industrial conta com uma área de 36 mil m<sup>2</sup> e engloba os setores de costura e estamparia. Em 2015 a Malwee inaugurou seu escritório em São Paulo, o qual seguiu o padrão de certificação LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*) que certifica construções sustentáveis.

Conforme as informações presentes no Relatório de Sustentabilidade da Malwee (2017), a Malwee conta atualmente com 5,5 mil funcionários e possui quatro unidades fabris, um escritório e uma unidade administrativa, sendo que esta última está localizada junto a unidade matriz, em Jaraguá do Sul. Além do mais, atualmente o Grupo Malwee possui um portfólio de oito marcas de moda, consolidadas entre o público adulto e infantil, as quais são: Malwee, Malwee kids, Carinhoso, Scene, Enfim, Wee!, Malwee Liberta e Zig Zig Zaa. Lembrando que seus produtos são comercializados nacionalmente (por meio de 24 mil pontos de vendas multimarca e 82 lojas monomarca, e ainda, realiza vendas em lojas virtuais da própria empresa e de empresas parceiras) e internacionalmente (países da América Latina, Estados Unidos e Europa). Ademais, a empresa possui um grupo de franquias, e tal modelo de negócios busca manter um padrão de negócios de qualidade e de baixo riscos e permitir que empreendedores qualificados se tornem franqueados da empresa.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

É importante destacar que além de ser amplamente reconhecida pela qualidade de seus produtos, a Malwee também coleciona reconhecimentos com suas propostas de sustentabilidade e de responsabilidade social. Ao analisar o relatório de Sustentabilidade mais recente da referida empresa, podê-se constatar que a empresa tem buscado alternativas que possibilitem a criação de produtos de forma mais responsável, ou seja, gerando o mínimo de impactos para o meio ambiente, minimizando o uso de recursos naturais e a geração de resíduos. Nesse sentido, vale salientar que a Malwee é uma das empresas pioneiras na utilização de matérias-primas sustentáveis e inovadoras, tais como o uso da malha PET ( produzida a partir da reciclagem de garrafas PET e substitui o poliéster virgem), uso do fio de poliamida biodegradável (substitui a poliamida comum), o uso do algodão desfibrado (produzido a partir da reciclagem de retalhos de tecido, e substitui o fio de algodão virgem), uso do jeans sustentável, uso do algodão orgânico e o uso de amaciante de cupuaçu no processo de tingimento das peças (SITE INSTITUCIONAL DO GRUPO MALWEE, 2019).

Nos últimos anos a empresa tem aumentado o consumo de fios de PET em seus processos produtivos. Em 2017 a Malwee transformou 25 milhões de garrafas PET em malhas. (Relatório de Sustentabilidade da Malwee, 2017). Destaca-se ainda que a produção do fio de algodão

desfibrado também possui um relevante cunho social, haja vista que envolve diretamente diversas pessoas ligadas às cooperativas e associações comunitárias que tem a reciclagem destes fios como fonte de renda (SITE INSTITUCIONAL DO GRUPO MALWEE, 2019).

Cabe enfatizar que o Grupo Malwee lançou em março de 2015 um plano estratégico de sustentabilidade para 2020, onde firma um compromisso com um futuro mais sustentável em relação aos seus negócios, seus produtos e operações, visando a redução da extração de recursos naturais, a diminuição das emissões líquidas e sólidas, preservar os ecossistemas e englobar o ser humano como agente essencial nas questões de sustentabilidade. Também foram definidas algumas metas para toda a cadeia de valor da empresa, do desenvolvimento de produtos à gestão de fornecedores, ao varejo e ao pós-consumo. Ademais, a Malwee desenvolveu um programa de ações de engajamento com seus públicos, buscando estimular as pessoas em relação a sustentabilidade. No que tange as metas estipuladas no referido plano, destaca-se que em relação ao desenvolvimento de novos produtos, a Malwee se comprometeu até 2020 a: quantificar o impacto ambiental de 100% dos seus produtos; atingir 70% dos modelos produzidos utilizando matérias-primas ou processos que colaborem para o desenvolvimento sustentável; alcançar 10% dos modelos desenvolvidos pela marca Malwee com viés sustentável; restringir a utilização de produtos químicos nos processos têxteis, aplicando padrões definidos para legislação internacional; avaliar e auditar 100% dos fornecedores; reduzir em 40% o consumo de água e a geração de resíduos sólidos por peça produzida; reduzir em 15% o consumo de energia por peça produzida; e reduzir em 20% as emissões de gases de efeito estufa (Equivalência em dióxido de carbono - CO<sub>2</sub>eq.) (PLANO DE SUSTENTABILIDADE 2020 DO GRUPO MALWEE).

O Grupo Malwee também possui parcerias com organismos e entidades que atuam na defesa do meio ambiente e é signatário do Pacto Global da ONU (Organização das Nações Unidas), onde assumiu o compromisso com o desenvolvimento sustentável. Acrescenta-se também que com o pacto, a Malwee se comprometeu a alinhar suas operações e suas estratégias com os dez princípios universalmente aceitos nas áreas de direitos humanos, trabalho, meio ambiente e combate à corrupção. Dentre as ações desenvolvidas pela empresa, cita-se que em 2017, ela apoiou, promoveu e desenvolveu campanhas relevantes como a Hora do Planeta e o Fashion Revolution Day – uma iniciativa mundial que a cada ano, vem conquistando maior visibilidade e maior envolvimento das pessoas nas redes sociais e que tem como escopo incentivar o público a questionar de que forma e condições são produzidas as peças de roupa que consomem, levando-os a repensarem seus hábitos de consumo (FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DO 25º PRÊMIO EXPRESSÃO DE ECOLOGIA (2017-2018)).

Acrescenta-se ainda que, conforme descrito no Relatório de Sustentabilidade do Grupo Malwee (2017), os produtos químicos utilizados nas técnicas de tinturaria e estamparia passam por verificação periódica que visa analisar se há presença de substâncias restritivas de legislações internacionais, com o intuito de preservar a saúde e o bem-estar dos consumidores. Além disso, a empresa exige que seus fornecedores químicos possuam certificações que atestem a ausência destas substâncias.

Vale ressaltar que a cadeia produtiva da Malwee é complexa, e suas atividades industriais acabam consumindo muita energia, a qual é proveniente das seguintes fontes: gás natural (GN), cavaco de madeira (biomassa), óleo dieses, gasolina, etanol, energia elétrica e gás liquefeito de petróleo (GLP). Cabe frisar que os processos produtivos que mais consomem energia elétrica e combustíveis são a malharia, o acabamento, a tinturaria e a estamparia. Por conseguinte, tais processos também acabam demandando uma atenção maior da empresa em relação a melhoria da eficiência e economia de recursos. Salienta-se ainda que a utilização do cavaco de madeira foi iniciada em 2017 e permitiu a substituição do gás natural. Além disso, com a instalação de

uma caldeira nova e moderna pôde-se obter economia e um controle melhor do processo e também se obteve uma redução nas emissões de gases de efeito estufa (GEE) (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

Além do elevado consumo de energia, as atividades têxteis também consomem grande quantidade de água em seus processos. Sendo que na atividade têxtil do Grupo Malwee, os processos de beneficiamento, tinturaria e estamparia das malhas são os principais consumidores de água. Por conta disso, o Grupo Malwee tem concentrado todas essas atividades em um processo produtivo próprio (exceto pequena parcela de tecidos que são comprados) fazendo com que o controle sobre a água captada, reutilizada e descartada seja mais eficiente. Ademais, a empresa tem investido em processos de reutilização da água tanto na Matriz em Jaraguá do Sul como na Unidade de Pacajus. Nesse sentido, vale acrescentar que em Pacajus toda a água, depois de tratada, é reutilizada em outras atividades. Enquanto que na Matriz, o sistema permite a reutilização de parte da água captada no próprio processo produtivo. Entretanto, em 2017 foi iniciada uma manutenção nos tanques de tratamento de efluentes, e isto impossibilitou temporariamente o reuso de água na unidade Matriz. Portanto, somente a unidade Pacajus realizou o procedimento de reuso de água, gerando uma economia de 13.476,3 m<sup>3</sup>. Esse valor corresponde a aproximadamente 1,7% do total de água utilizada pelo Grupo Malwee (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

É importante destacar que a Malwee prioriza o tratamento de toda a água utilizada nas atividades. Em 2017, o volume total tratado foi de 865.123 m<sup>3</sup>. A matriz fabril situada em Jaraguá do Sul está localizada em área urbana consolidada e o descarte do efluente tratado é realizado no rio Jaraguá, que não integra área protegida. Já na Unidade de Pacajus (CE), o efluente tratado é utilizado internamente na irrigação dos jardins da unidade. Visando obter um controle mais adequado da qualidade do tratamento, diariamente são realizadas análises em laboratório interno e, mensalmente, em laboratório externo credenciado. Sendo que todos os testes realizados no decorrer de 2017 atestaram a eficiência do tratamento realizado (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

No que se refere as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) ocasionadas pela Malwee, vale enfatizar que estas resultam da utilização de combustíveis, do consumo de energia elétrica e de emissões fugitivas e processos de tratamento de resíduos e efluentes. Ademais, as atividades industriais da empresa supracitada também geram resíduos de diversas categorias, em sua grande maioria, dos classificados na classe II e não perigosos. Dentre eles, três categorias recebem atenção maior devido ao grande montante produzido, sendo eles: retalhos têxteis, lodo do tratamento de efluentes e cinza de caldeira. Com os investimentos realizados para reduzir a geração destes resíduos e permitir a realização da destinação correta dos mesmos, fez com que a empresa conseguisse alcançar em 2017 uma das metas previstas no Plano de Sustentabilidade 2020, a qual consiste na redução de 40% da geração de resíduos por peça produzida. Nesse ensejo, vale mencionar que o alcance dessa meta é decorrente de algumas ações que resultaram na modificação no sistema de tratamento de efluentes, que permitiu a secagem do lodo e com isso se teve a redução de 80% do volume deste resíduo. Também foram realizados investimentos na reciclagem dos retalhos têxteis, transformando-os em subproduto para a fabricação de fio de algodão desfiado (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017). O Quadro 2 apresenta os resíduos gerados e a sua forma de tratamento/destinação.

Tipo	Classificação	Volume gerado (t)	Destinação	Totais
Papel / Papelão	Classe II (não perigoso)	628,5	Reciclagem	Reciclagem 3.083,5 t
Plástico	Classe II (não perigoso)	130,4		
Metal	Classe II (não perigoso)	44,7		
Resíduo Têxtil	Classe II (não perigoso)	2.279,6		
Eletrônicos	Classe II (não perigoso)	0,3		
Lodo de ETE e cinza de caldeira <sup>1</sup>	Classe II (não perigoso)	1.993,79	Aterro industrial	Aterro Industrial 2.279,19 t
Resíduos contaminados diversos	Classe I (perigoso)	12,6		
Resíduo Doméstico	Classe II (não perigoso)	272,8		
Lâmpadas <sup>2</sup>	Classe I (perigoso)	1,005	Descontaminação	Descontaminação 1,005 t
Óleo Usado	Classe I (perigoso)	3	Re-refino	Re-refino 13 t

Quadro 2: Resíduos gerados pelo Grupo Malwee e a sua forma de tratamento/destinação.

Fonte: Relatório de Sustentabilidade, 2017.

No que diz respeito aos investimentos em proteção ambiental, vale mencionar que em 1978, Wolfgang Weege, fundador do Grupo Malwee inaugurou o Parque Malwee, considerado um dos maiores parques ecológicos de Santa Catarina. O mesmo possui 1,5 milhão de metros quadrados e conta com 16 lagoas, mais de 35 mil árvores de espécies nativas e exóticas e uma fauna considerada satisfatória. Considerado referência nacional em preservação ambiental, o parque é aberto à comunidade e oferece as seguintes atrações: trilhas, campos de futebol, ginásio de esportes, pedalinho, pista de bicross, restaurantes e dois museus que contribuem para a preservação da cultura regional. Além do Parque Malwee, a empresa supracitada totaliza outros 2,7 milhões de metros quadrados de áreas verdes preservadas, as quais estão divididas em duas grandes áreas com valores ecológicos distintos: a Reserva de Fontes e Verdes e o Pico Malwee. A primeira delas, possui mais de 1,3 milhão de m<sup>2</sup> e abriga 21 nascentes, diversas espécies da flora e da fauna da Mata Atlântica, incluindo algumas ameaçadas de extinção. Sendo que o espaço se configura como Reserva Particular do Patrimônio Natural Estadual, e seu espaço é destinado exclusivamente para pesquisas científicas e não é aberto ao público (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

Já o Pico Malwee está localizado no bairro Barra do Rio Cerro, em Jaraguá do Sul, e representa uma importante atração turística na região. Possui 1,4 milhão de m<sup>2</sup> e 550 metros de altura, e dispõe de uma rampa para a prática de voo livre e também pode ser utilizado para a prática de trekking (trilhas). Muito embora seja mantido para fins de conservação, o Pico Malwee ainda não teve sua riqueza ecológica mapeada, e a sua visita depende de autorização e agendamento prévio na Associação Recreativa da Malwee (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

Por conta da verticalidade de suas operações a Malwee conta com uma cadeia de suprimentos bem ampla e diversificada, que contempla fornecedores de fios e tecidos, insumos, aviamentos, embalagens, transporte, produtos químicos, prestadores de serviço de confecção e serviços em geral. Acrescenta-se ainda que em 2017 foi iniciada a fase piloto do Programa de Parceiros Estratégicos (PPE) que almeja avaliar os fornecedores, levando em consideração uma série de aspectos importantes para a relação comercial. Sendo que por meio deste programa, são atribuímos notas aos fornecedores conforme os seus compromissos trabalhistas e demais

critérios estabelecidos pelo Grupo Malwee, buscando manter a qualidade dos produtos e assegurar que os mesmos sejam fornecidos por fornecedores certificados de acordo com as normas de qualidade, ambientais e trabalhistas. Destaca-se ainda que os fornecedores nacionais são avaliados pelo Programa de Controle da Cadeia de Fornecedores, que contempla o Código de Ética, certificações, auditorias internas anuais, inspeções mensais e controle de documentação. Já os fornecedores internacionais são avaliados com base em certificações internacionais e a avaliação segue os seguintes critérios: prazo, qualidade e sustentabilidade (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

Outro fator relevante a ser destacado refere-se as ações que contribuem para a qualidade de vida dos colaboradores e a melhoria de suas atividades na empresa, as quais envolvem a capacitação, treinamento e desenvolvimento pessoal de carreira. No ano de 2017, a empresa ofereceu mais de 25 mil horas de treinamento, para todos os cargos da companhia. A Malwee também possui políticas de remuneração, treinamento e benefícios que são atualizadas continuamente e dão suporte a outras ações que a empresa desenvolve, tais como os programas de prevenção de acidentes e procedimentos de segurança que são adotados em todas as suas áreas operacionais. Nesse contexto, cabe salientar que a empresa possui uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e uma equipe especializada de Engenheiro e Técnicos em segurança do trabalho que atuam na implantação de programas de melhorias e na realização de campanhas de conscientização (RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DO GRUPO MALWEE, 2017).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De modo geral, conclui-se que o processo de gestão ambiental pode facilitar o gerenciamento empresarial e também proporcionar diversas contribuições para as organizações, especialmente no que diz respeito à redução de custos e ao incremento de receitas, pois com a reformulação dos processos produtivos, pode-se obter uma otimização na utilização de recursos, gerando economia de recursos materiais e energéticos, melhorando o desempenho produtivo, melhorando a imagem da empresa perante seus clientes e perante o mercado na qual encontra-se inserida, obtendo assim maior poder competitivo, e ainda reduzindo a possibilidade de multas e penalidades relacionadas com as degradações ambientais.

Com a realização da análise do relatório de sustentabilidade da Malwee, foi possível identificar os principais impactos causados pelas atividades da empresa, bem como a identificação de suas práticas sustentáveis aplicadas para mitigar os impactos e contribuir para o desenvolvimento sustentável e para a melhoria da qualidade de vida tanto de seus colaboradores como também da comunidade. Sendo que o relatório de sustentabilidade analisado segue o padrão da *Global Reporting Initiative (GRI)*, que estabelece diretrizes que obrigam as organizações a terem a capacidade de mensurar o seu desempenho econômico, social e ambiental, e evidenciar o mesmo em seus relatórios de sustentabilidade, especialmente por meio da informações quantitativas e qualitativas que evidenciam os seus resultados e que permitam a comparação e a demonstração de alterações em seu desempenho no decorrer do tempo.

Destaca-se ainda que a empresa possui seus próprios parques fabris localizados em dois estados brasileiros, e assim sendo, a empresa não possui a pressão que geralmente as outras empresas do mesmo segmento têm em relação às suas fábricas fornecedoras e também contribui para a geração de empregos no Brasil, país de origem do grupo. Além disso, percebeu-se que a Malwee faz uso de processos mais sustentáveis, como o tratamento de efluentes, a reutilização da água dentro de suas fábricas e o reaproveitamento de algumas matérias primas, e também tem buscado investir continuamente em melhorias de processos e da qualidade dos produtos em geral, sempre visando a sustentabilidade, como é o caso da utilização de garrafas PET para produção de fibras têxteis e a produção do fio de algodão desfiado que é bastante utilizado

em suas coleções. Observou-se ainda que a Malwee também realizou a substituição da caldeira de Gás Natural, visando reduzir o impacto ambiental causado pela emissão de GEE. Ademais, vem desenvolvendo a preservação e manutenção de áreas verdes, contribuindo para a preservação do meio ambiente e para a melhoria da imagem da empresa no mercado e perante seus *stakeholders*.

O relatório de sustentabilidade analisado demonstra um comprometimento da Malwee com a minimização dos problemas comumente apresentados em uma empresa do segmento têxtil. Contudo, cabe salientar que apesar das diversas informações relacionadas às práticas ambientais, prescritas no relatório, a análise de dados secundários não permite apurar na prática o nível das ações descritas, impedindo a conclusão acerca da real intenção da publicação, isto é, se a empresa se propõe de fato a amenizar os impactos causados pelos seus processos produtivos ou se têm como escopo principal a divulgação da marca.

Por fim, recomenda-se que das demais indústrias brasileiras do segmento têxtil, elaborem relatórios de desenvolvimento sustentável e que utilizem os indicadores direcionados para as suas atividades e suas métricas para auxiliar o monitoramento do seu grau de sustentabilidade. Para trabalhos futuros, sugere-se que sejam feitas mais análises de relatórios de sustentabilidade de empresas da indústria da moda. Também seria interessante desenvolver estudos que apresentem análises comparativas entre vários relatórios de sustentabilidade de uma determinada empresa do segmento, para se fazer uma análise mais aprofundada e a partir dela entender e conhecer melhor sobre a sua relação com a sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, Rui Otávio Bernardes; Tachizawa, Takeshy.; Carvalho, Ana Barreiros de. (2002). *Gestão ambiental*. 2. ed. São Paulo: Makro Books.
- Araújo, Aneide Oliveira.; Ramos, Maria da Conceição Pereira. (2015). Limitações dos relatórios de sustentabilidade para análises custo-benefício de ações sociais e ambientais. *Contextus Revista Contemporânea de Economia e Gestão*. v.13, n 1, p.132-155.
- Barbieri, José Carlos. (2007). *Gestão ambiental empresarial – Conceitos modelos e instrumentos*. Ed. Saraiva.
- Brown, Halina Szejnwald.; Jong, Martin de.; Levy, David. (2009). Building institutions based on information disclosure: lessons from GRI's sustainability reporting. *Journal of Cleaner Production*, v. 17, p. 571-580.
- Castro, Fernanda Amorim Ribeiro de.; Siqueira, José Ricardo Maia de.; Macedo, Marcelo Alvaro da Silva. (2009). Indicadores ambientais essenciais: Uma análise da sua utilização nos Relatórios de Sustentabilidade das Empresas do Setor de Energia Elétrica Sul-Americano, elaborados pela versão “G3” da Global Reporting Initiative. In: 1ST South American Congress On Social And Environmental Accounting Research – CSEAR- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Daub, Claus-Heinrich. (2007). Assessing the quality of sustainability reporting: an alternative methodological approach. *Journal of Cleaner Production*, v. 15, p. 75-85.
- Epelbaum, Michel. (2004). *A influência da gestão ambiental na competitividade e no sucesso empresarial*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Godói-De-Sousa, Edileusa; Pedreira, Luana Schoenmaker da.; Campos, Heloize Helena de.; Mattern, Daniela. (2009). A Qualidade dos Relatórios de Sustentabilidade: uma Avaliação em Empresas do Ramo de Energia Elétrica. In: ENCONTRO ANPAD, XXXIII, Rio de Janeiro. *Anais...ENANPAD*. Rio de Janeiro.
- Global Reporting Initiative - GRI. (2006). *Diretrizes para relatório de sustentabilidade - versão 3.0*. São Paulo: GRI,

- Grupo Malwee. (2017). *Relatório de Sustentabilidade 2017*. Disponível em: <http://www.grupomalwee.com.br/uploads/arquivos/9.pdf>> Acesso em 13 de fevereiro de 2019.
- \_\_\_\_\_. (2015) *Plano de Sustentabilidade 2020*. Disponível em: <http://grupomalwee.com.br/sustentabilidade/plano-2020/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2019.
- \_\_\_\_\_. (2018). *Formulário de Inscrição do 25º Prêmio Expressão de Ecologia (2017-2018)*. Disponível em: [www.expressao.com.br/ecologia/cases/2017-2018/MALWEE.pdf](http://www.expressao.com.br/ecologia/cases/2017-2018/MALWEE.pdf)> Acesso em 09 de fevereiro de 2019.
- \_\_\_\_\_. (2019). *Site Institucional*. Disponível em: <http://www.grupomalwee.com.br/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2019.
- Kolk, Ans. (2004). A decade of sustainability reporting: developments and significance. *International Journal of Environment and Sustainable Development*, v. 3, n. 1, p. 51-64.
- Lima, José Rodolfo Tenório; Cunha, Neila Conceição Viana da; Lira, Thaisa Kelly da Silva. (2010). A Gestão Ambiental e os Benefícios Econômicos: Um Estudo de Caso na Usina Coruripe Matriz. *Revista de Negócios*. v.15, n.29, p.29 – 44, Janeiro/Março.
- Maimon, Dalia. (1996). *Passaporte verde: gestão ambiental e competitividade*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- North, Klaus. (1992). *Environmental business management: an introduction*. Genebra: International Labor Office (ILO).
- Porter, Michael E. (1989). *Vantagem competitiva*. Rio de Janeiro: Campus.
- Porter, Michael E; Linde, Claas Van Der. (1995). Green and Competitive Ending the Stalemate. *The Harvard Business Review*. September- October. V. 73. p. 120-134.
- Rabelo, Laudemira Silva; Lima, Patrícia Verônica Pinheiro Sales. (2007). Indicadores de Sustentabilidade: a possibilidade da mensuração do desenvolvimento sustentável. *Revista Eletrônica do Prodem*. vol. 1, n. 1, p. 55-76, dez.
- Silva, Lílian Simone Aguiar da. Quelhas, Osvaldo Luiz Gonçalves. (2006). Sustentabilidade empresarial e o impacto no custo de capital próprio das empresas de capital aberto. *Gestão e Produção*. vol.13, n.3, p. 385-395.
- Silva, M. C.; Siqueira, J. R.; Fernandes, F. da S. (2009). Indicadores essenciais do GRI: Análise da evolução do grau de aderência plena e de evidenciação efetiva no período de 2003 a 2005. In: XII SEMEAD – Seminários em Administração. *Anais...* FEA-USP, São Paulo.
- Strobel, Juliana Scapulatempo. Coral, Eliza. Selig, Paulo Maurício. (2004). Indicadores de sustentabilidade corporativa: uma análise comparativa. In: Encontro Anual da ANPAD, 28, Curitiba, 2004, *Anais...* Curitiba: ANPAD. CDROM.
- Valle, Cyro Eyer do. (2000). *Como se preparar para as normas ISO 14000: qualidade ambiental*. São Paulo: Pioneira.
- Van Bellen, Hans Michel. (2005). *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 253 p.